

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades
4 a 6 de Agosto de 2014
Universidade Federal do Espírito Santo
GT 01 - Africanidades e Brasilidades em Literaturas

A representação da guerra em *Terra Sonâmbula* de Mia Couto

Rociele de Lócio oliveira¹

Resumo

Neste trabalho procuramos analisar a obra *Terra sonâmbula*, escrita por Mia Couto. Nas duas partes que compõem a narrativa vemos como dois grupos de personagens, inicialmente separados por narrativas diferentes, aparecem juntos numa viagem, enquanto ao fundo acontece uma guerra. Tendo como apoio os estudos de Nelly Novaes Coelho, tentamos verificar como a guerra pela independência de Moçambique aparece na obra em meio às aventuras dos personagens, e como a história desses se mistura com as tradições e culturas dos povos africanos.

Palavras-chave: Mia Couto. *Terra sonâmbula*. Guerra.

Nascido na cidade de Beira, província de Sofala em Moçambique, nasce em 1955, Antônio Emílio Leite Couto, ou como ficou conhecido, Mia Couto, filho de portugueses que emigraram para Moçambique em meados do século XX. Ele escreve seu romance *Terra sonâmbula* 1992, também em Moçambique, período posterior as lutas pela independência do país também conhecida como Luta Armada de Libertação Nacional, em que lutaram a Frente de Libertação de Moçambique contra as Forças Armadas de Portugal. Essa Guerra teve inicio em 1964 e teve sua finalização por volta de 1974, o que resultou numa independência negociada de Moçambique em 1975. Depois desse período de batalhes Moçambique passou por várias guerras civis.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Terra sonâmbula apresenta duas narrativas, e no interior delas o leitor vai encontrar personagens que estão viajando a procura de algo. A primeira viagem é feita pelo velho Tuahir que está acompanhado do menino Muidinga, essa história é descrita em onze capítulos. Já na segunda parte do livro encontramos Kindzu, inicialmente o leitor fica sabendo um pouco de sua vida e da sua história, e depois o acompanha na sua viagem a procura dos naparamas, que eram guerreiros abençoados pelos feiticeiros e que combatiam os chamados “fazedores de guerra”. Essa segunda parte é descrita também em onze cadernos. Esses mesmos cadernos vão ser encontrados por Tuahir no início da sua jornada.

No início da obra as duas histórias são contadas de forma bem separada, mas já no final do livro podemos notar uma junção das duas partes, elas ficam mais próximas e ocorre um jogo entre as duas linhas de narrativa, que se juntam e se confundem. No final da narrativa Tuahir e o jovem Muidinga brincam de ser Kindzu e seu tio, fato que reforça o laço entre os dois personagens, o jovem e o velho, e interligam as duas narrativas numa única.

Tomando as palavras de Nelly Novaes Coelho em seu texto *A guerra colonial no romanesco*, a escritora trata de como alguns autores como Álvaro Guerra, Maria Velho Costa e Lídia Jorge, vivenciaram, de alguma forma, a Revolução dos Cravos em Portugal, e posteriormente passaram suas experiências para o papel através de livros. Novaes Coelho faz um mapeamento da literatura publicada por esses autores e comenta como eles conseguiram transformar em palavras os momentos que eles vivenciaram:

A alta ficção portuguesa destes últimos anos mostra que, embora as feridas provocadas pelo grande trauma das Guerras Coloniais e do fim do Império Português do Ultramar, não esteja ainda cicatrizadas, já teve início a tarefa de transformar a tragédia de um momento histórico em matéria mítica, que as futuras gerações conhecerão como a origem do novo tempo que elas então estarão vivendo. (COELHO, 2004, p.122).

Tomando os estudos feitos por Nelly Novaes Coelho, que analisou autores que tiveram como base de suas obras escritas os períodos de guerras, analisaremos a obra *Terra Sonâmbula* de Mia Couto, observando como se dá a

presença da guerra em seu enredo. Desde o início da obra podemos perceber como ocorre uma separação da obra em duas partes, quase como duas narrativas que foram unidas em um único romance.

A história da primeira dupla começa quando eles resolvem viajar a procura dos pais de Muidinga, que ele não conheceu. E ao mesmo tempo que eles andam procurando alguém, também buscam um refúgio contra a guerra que estava instaurada naquele lócus. Durante esse caminho eles encontram muitos corpos carbonizados, e junto de um deles está uma mala que tem dentro algumas folhas escritas.

Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os vivos se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte. (COUTO, 2007, p.9).

No início da obra o narrador diz que Muidinga perdeu sua memória, e que em sua viagem, além dos pais, ele também buscava sua identidade. Muiding foi encontrado sozinho e recolhido em um campo de refugiados pelo velho Tuahir. Os dois personagens passam então, a caminhar lado a lado procurando vestígios da vida do jovem e tentando fugir da guerra que estava acontecendo, essa jornada acaba por unir os dois num laço familiar muito forte. Grande parte da narrativa acontece no interior de um machimbombo incendiado, espécie de autocarro que fora encontrado pela dupla com corpos carbonizados dentro dele, mas que após a retirada dos corpos, serviu de abrigo para os dois e, mesmo passando por um momento de terror, para Muidinga aquele cenário era o mais próximo de uma casa e de um pai que ele pode encontrar.

Tendo como fundo de sua história a guerra, inevitavelmente, *Terra Sonâmbula* traz consigo a morte. E essa aparece no texto em vários momentos e de várias formas. Os personagens dos capítulos passam por vários corpos abandonados pelo chão durante o caminho que eles percorrem e eles sabem que

está acontecendo uma guerra, e junto com ela, uma matança enorme de jovens que lutam para defender os seus direitos.

Pedro Puro Sasse da Silva em seu artigo intitulado *Mia Couto e a ideologia moçambicana: realidade e fantasia em terra sonâmbula* trata de como essa guerra aparece na obra, não de forma clara, mas somente através dos sentimentos narrados pelos personagens:

Apesar de todos os ecos da guerra, sempre presentes durante o romance, a guerra em si nunca chega a ser exposta. Ela sempre se encontra um passo a frente dos personagens, deixando seu rastro. Vemos os muros furados, mas não os tiros, vemos tanques abandonados mas não tropas, vemos a fome mas não o saque dos armazéns. Isso nos mostra que na verdade o que age sobre aquele Moçambique é uma guerra-fantasma, que assombra o povo mas nunca chega a mostrar sua verdadeira face, uma guerra que não pode ser enfrentada e combatida, apenas está presente, efêmera e destrutiva. (Sasse da Silva, 2011).

Enquanto Tuahir e Muidinga encontram vários corpos desconhecidos pelo seu caminho, desde o primeiro capítulo Kindzu perde pessoas que ele ama. Começou com seu irmão mais novo Junhito, não demorou muito para que ele perdesse seu pai, que após o sumiço do filho mais novo, cai no alcoolismo e morre ao lado de uma espécie de barco, e depois sua mãe, que passou a viver para cozinhar alimentos que mandava para o seu marido tido como morto. Pouco tempo depois Kindzu descobriu que bandidos haviam incendiado o comércio de seu amigo Surendra Valá e que este tinha ido embora com sua esposa. Desesperado procurou refúgio na sua antiga escola, porém só encontrou a escola destruída e seu professor, e amigo, assassinado.

No livro de Mia Couto estudado aqui, podemos ver a presença da cultura árabe e da portuguesa vivendo em conjunto com a africana, essa convivência aparece aqui como marca da colonização, da diversidade presente nesses povos e também aparece em forma de preconceito vivenciado pelos personagens. A todo o momento um dos conhecidos de Kindzu se pergunta: como poderia um africano ter um árabe e um português como amigo? Esse tipo de amizade não é aceita pelos outros moradores da região, local onde o diferente é visto como algo

perigoso e por isso, deveria ser aniquilado. O local de trabalho dos dois estrangeiros é saqueado e queimado, para que eles possam perceber de quem pertenciam aquela terra, e assim, pudessem voltar para o local de onde saíram.

E com a morte dos seus entes queridos, Kindzu percebeu que tinha perdido sua família e seus amigos, tudo o que pra ele tinha valor, e por isso, decidiu partir e se tornar um naparama. Esse desejo aparece depois de uma noite que Kindzu vai deixar a panela de comida na encosta do rio para seu pai e percebe um grupo de hienas se aproximando. Curioso, decide ficar vigiando a panela para saber quem a estava comendo de verdade. Após um tempo, Kindzu vê uma figura muito estranha saindo do interior de uma cabana: “Só avislumbrei um braço, todo amarrado com panos vermelhos e pulseiras portadoras de feitiços (...) e fitas carregadas pelo braço” (COUTO, 2007, p.21). Após perceber que aquele ser se tratava de um naparama e não de seu pai, Kindzu vai correndo chamar sua mãe para ver o homem, na tentativa de fazê-la desistir do seu fardo diário de preparar comida. Ao chegar a sua casa e começar a contar o que aconteceu para a sua mãe, Kindzu se surpreende ao perceber que sua mãe já sabia do ocorrido e agora afirmava mais do que nunca, que o homem que apareceu, o naparama, era seu falecido pai que voltou como guerreiro.

Com o passar da narrativa, o leitor percebe que a guerra vai crescendo, mais e mais corpos vão aparecendo pelo caminho dos personagens. As cidades vão perdendo seus moradores e ficando vazias. Pelo caminho agora, se via casas abandonadas com paredes cheias de balas. Nas ruas, os arbustos e capins cresciam e tomavam as janelas das casas.

Edgar Morin em sua obra *O homem e a morte* (1997) faz um estudo sobre a importância do rito mortuário para o ser humano e anota que o homem é a única espécie que acredita em vida após a morte e, por isso, acompanha a morte com um ritual funerário, não abandonando seus mortos nem os seus ritos, salvo em momento de guerra. “A morte horrível retorna mais tarde, quando a guerra já se acabou” (MORIN, 1997, p. 42). Para esse autor, como os primitivos acreditavam na sobrevivência do morto, eles os sepultavam, do contrário os deixariam insepultos e prosseguiriam com suas vidas. E é essa proximidade com a morte

que faz o homem temê-la e sentir dor quando aqueles que lhe são próximos perecem.

E é esse cenário que vemos em *Terra sonâmbula*, em que os corpos são deixados pelo caminho e vão se misturando com as paisagens das ruas, na obra, essa cena parece se relacionar com a narrativa contada por Kindzu sobre a baleia que apareceu um dia na praia. Ela apareceu do nada e logo o povo correu para tirar dela o máximo de carne que conseguissem, mesmo estando ainda viva, os moradores começaram a cortar os pedaços da baleia ao ponto que, mesmo viva, era possível ver os ossos da coitada agonizando na praia.

Assim como a baleia que é encontrada na praia e perde suas partes antes mesmo de morrer, o mesmo acontecia com a própria vila, que permanecia viva, mesmo passando por uma devastadora guerra, que destruía suas partes e seus moradores, era possível ver sua resistência através de seus destroços e das marcas que ficavam registradas na paisagem.

Ainda é possível ver como a guerra que aparece no romance está sempre a frente da narração, ela aparece como algo que passou a pouco e deixou suas marcas, visíveis para aqueles que estão contando a história.

A paisagem muda constantemente em *Terra sonâmbula*, e a única marca que permanece durante toda a narrativa é a forte presença da cultura tradicional africana. Sempre aparece um ancestral, alguém mais velho, responsável por narrar as histórias de sua vida aos mais novos. A exceção que se dá ocorre com Muindinga, o jovem que conta todos os dias as histórias dos cadernos de Kindzu para o senhor Tuahir dormir.

Nas palavras de Ana Mafalda Leite, em *Literaturas Africanas e formulações pós-colônias*:

Em *Terra Sonâmbula* observamos a tentativa de conciliação dos sistemas oral e escrito, através dos dois principais narradores: Muindinga que lê os cadernos em voz alta ao velho Tuahir, e Kindzu que conta a sua história, escrevendo-a, nos caderninhos. (...) Cada um dos narradores dá voz a outros narradores secundários; todos querem contar histórias, Taímo, Tuahir,

Farinda, Quintino, Virgínia, Euzinha, o pastor, Nhamataca. Siqueleto. (Leite, 2003, p. 51).

E assim como os enormes embondeiro, as árvores que são marca registrada na África e que aparecem em vários momentos pelos contos, a figura do velho e dos antepassados responsáveis por deixar vivas as lendas daquela região são presença marcante nos contos. Uma das belas passagens desses senhores acontece com a velha Euzinha, que mesmo sendo temida pelos mais velhos, é uma senhora muito querida pelas crianças da sua região. Um dos contos descreve como as crianças viviam em volta da senhora, ávidos por ouvir suas histórias, muitas vezes com personagens repetidos ou esquecidos, mas devido sua forma única de narrar, provavelmente cheia de marcas históricas presentes somente na fala daquela senhora, se mostrava uma prática inesquecível e muito querida.

Percebemos no livro de Mia Couto uma valorização aos antepassados, em que a maneira como os mais velhos sentem o mundo, em seus sentimentos, juntamente como a importância das histórias narradas e escritas por eles, com a cultura dos antepassados, a crença no sonho e a importância da narrativa deles também tem uma grande importância na obra.

Em um determinado momento da história Taímo, pai de Kindzu, que já está morto, mas dialoga sempre com ele, lhe pergunta por que ele escreve em seu livro. E ele responde com o diálogo que vemos a seguir:

- O que andas a fazer com um caderno, escreves o quê?
- Nem sei, pai. Escrevo conforme vou sonhando.
- E alguém vai ler isso?
- Talvez.
- É bom assim: ensina alguém a sonhar.
- Mas pai, o que passa com esta nossa terra?
- Você não sabe, filho. Mas enquanto os homens dormem, a terra anda a procurar.

– A procurar o quê, pai?

– É que a vida não gosta sofrer. A terra anda a procurar dentro de cada pessoa, anda juntar os sonhos. Sim, faz conta ela é uma costureira de sonhos (COUTO, 2007, p. 182).

O sonho está muito presente na vida de Kindzu, seu pai era um sonhador e muitas vezes seus sonhos se tornavam realidade. Sempre que seu pai parecia dormir e sonhar, sua mãe pedia para que todos parassem e, assim que o pai acordava, eles ouviam aquela narrativa. Foi por ter sonhado com a independência da sua cidade que seu filho mais novo, o Junhito, ganhou esse novo, inicialmente seria Vintecinco de Junho, mas com o tempo, ficou somente com o apelido de Junhito. Depois seu pai teve o sonho que Junhito iria morrer, e por isso ele decide que seu filho mais novo deve ir viver num galinheiro e se tornar uma galinha, só assim, mudando de alma e de corpo é que aqueles que procuravam matar o pobre garoto não o achariam mais. E assim aconteceu, sua mãe fez uma roupinha de galinha cheia de penas para o garoto e seu pai arrumou uma caminha no galinheiro, nos primeiros dias sua mãe vinha cantar uma canção de ninar para ele dormir. Depois, com o passar o tempo, Junhito foi se transformando totalmente nesse novo ser, ele perde até suas marca de fala e passa a responder somente por cacarejos. Numa manhã, os pais de Junhito sentem falta do cantar do garoto pela manhã e descobrem que ele tinha sumindo do galinheiro, sem que ninguém o visse.

Assim como seu pai, Kindzu também passa a sonhar e a ter sonhos que viram realidade, esse fato assustava o garoto e o faziam crer no impossível.

Outro ponto que tem força na obra é o mar, ele aparece sempre que alguém morre e escolhe se “enterrado” no mar, assim acontece com o velho Tuahir e com o pai de kindzu. As cerimônias fúnebres se passam na água e os homens que representavam os pais dos personagens principais das duas narrativas vão para o mar para se despedir e são levados pelas ondas.

Lembrando que logo depois da morte do pai de Kindzu, no dia seguinte, aconteceu um fato inesperado. O mar por onde ele viajava seca todo, a água

inteira desapareceu na porção de um instante. E no lugar onde estava as águas, ficou uma planície coberta das mais lindas palmeiras, e em cada uma delas era possível ver os mais belos e suculentos frutos. Mas assim que o primeiro morador resolve se alimentar do fruto daquelas majestosas árvores, elas voltam ao estado que eram antes, apenas mar:

No lugar onde antes praiava o azul, ficou uma planície coberta de palmeiras. Cada uma se barrigava de frutos gordos, apetitosos, luzilhantes. Nem eram frutos, parecia eram cabaças de ouro, cada uma pesando mil riquezas. Os homens se lançaram nesse vale, correndo de catanas na mão, no antegozo daquela dádiva. Então se escutou uma voz que se multiabriu em ecos, parecia que cada palmeira se servia de infinitas bocas. Os homens ainda pararam, por brevidades. Aquela voz seria em sonho que figurava? Para mim não havia dúvida: era a voz de meu pai. Ele pedia que os homens ponderassem: aqueles eram frutos muito sagrados. Sua voz se ajoelhava clamando para que se poupassem as árvores: o destino do nosso mundo se sustentava em delicados fios. Bastava que um desses fios fosse cortado para que tudo entrasse em desordens e desgraças se sucedessem em desfile. O primeiro homem, 21 então, perguntou à árvore: por que és tão desumana? Só respondeu o silêncio. Nem mais se escutou nenhuma voz. De novo, a multidão se derramou sobre as palmeiras. Mas quando o primeiro fruto foi cortado, do golpe espirrou a imensa água e, em cantaratas, o mar se encheu de novo, afundando tudo e todos. (COUTO, 2007, p. 182).

E assim como a vida dos homens, aquilo que o mar deu, ele também tirou. Uma das representações do mar é a vida, tudo sai dele e retorna para ele. O mar é visto em muitas culturas como símbolo de renovação, de transformação e de renascimento, não a toa muitas religiões fazem seus batizados através das águas do mar. O mar carrega a dualidade em si, com as imagens de vida e de morte.

O título também tem uma profunda relação com a obra, por se tratar de uma obra que tem como fundo as guerras vivenciada pelos povos de Moçambique, em um período tão conturbado como o que presencia uma guerra, a população não consegue descansar, e assim como a terra, ela não dorme, ficando sempre atenta para um possível ataque ou bombardeio de alguma parte. E assim como seus moradores, que vivem em vigília eterna, a terra também fica sonâmbula. Não tem paz, não descansa e não dorme.

A terra está sempre sobre a ameaça de perigo dos guerrilheiros, não só deles, os personagens ainda tem presença ameaçadora do colonizador, representada no livro pelo personagem Romão Pinto. No final do romance, Kindzu vira um naparama e salva o irmão Junhito, que tinha se transformado em galinha na tentativa de enganar a morte, das garras do personagem que representava a corrupção e a violência daquele lócus,

Como no romance de mil e uma noites, em que Xerazade, sabendo que vai ser morta por Xariar quando o dia amanhecer, que prende o rei da Pérsia num emaranhado de historias sem fim, em que a jovem começa a contar um conto para o rei, até que amanhece e ela interrompe o relato, dizendo que só continuará a narrativa na noite seguinte. Assim acontece com Muidinga, que passa a sua jornada lendo as histórias de Kindzu para sobreviver, ele é encontrado por Tuahir e passa a ler todas as noites para o velho dormir. Inicialmente, o velho acredita não sabe ler, mas depois ele passa a desenhar imagens de letras na areia e percebe que consegue entender o que está escrito.

As narrativas dos contos de Kindzu não são lidas somente para Tuahir dormir, mas para que o jovem também pudesse se apegar a algo, como uma forma de distração de todo aquele horror que estava acontecendo em volta dos dois. As histórias do caderno de Kindzu interferem nas duas narrativas e passam pelos dois mundos dos contos. Ele vai ser o responsável por unir pessoas em laços familiares e amorosos. Como o encontro de Gaspar, o filho de Farida, mulher por quem Kindzu se apaixonou, ao longo do seu caminho. Já no final da obra, é nas mãos de Gaspar que a obra aparece:

De suas mãos tombam os cadernos. Movidas por um vento que nascia não do ar mas do próprio chão, as folhas se espalham pela estrada. Então, as letras, uma por uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos os meus escritos se vão transformando em páginas de terra. (COUTO, 2007, p. 204).

Kindzu passa boa parte da obra procurando o que lhe faltava, ele procura se encontrar, procura seu irmão, sua amada, seus amigos, procura se tornar um grande guerreiro naparama e, no meio disso tudo, procura fugir das cenas de

violência e terror que o cercam. Os contos emocionam aquele que tem uma leitura atenta para a possível denuncia do escritor, para o descaso da sua cidade e para o único e verdadeiro resultado das guerras que estavam acontecendo na sua cidade: as mortes, a destruição, a desolação e a solidão.

Referências bibliográficas

COELHO, Nelly Novaes. **A guerra colonial no romanesco**. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, 2004.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e formulações pós-coloniais**. São Paulo: Edições Colibri, 2003.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Tradução de Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997.